



OPINIÃO

Como a IA está afetando a rotina dos próprios profissionais de tecnologia?

Rodrigo Stoqui (*)

A inteligência artificial está remodelando o mercado de trabalho em velocidade recorde: automatiza processos, otimiza tarefas e já toma decisões com mínima ou nenhuma intervenção humana.

Presente em praticamente todos os setores da economia, ela também tem mudado profundamente o dia a dia dos profissionais que a desenvolvem, como engenheiros de software, cientistas de dados e líderes de produto. Mas como esses profissionais, protagonistas dessa revolução, estão lidando com suas próprias rotinas em constante transformação?

Se antes os desenvolvedores criavam sistemas do zero, agora atuam como arquitetos, validadores e otimizadores, enquanto a IA assume o trabalho "braçal" ou mais operacional. Essa transição exige mais do que domínio técnico: requer habilidades interpessoais, adaptabilidade e visão sistêmica. Afinal, colaborar com máquinas inteligentes se tornou uma parte essencial do ofício.

O ritmo dessa transformação impõe uma corrida por atualização constante. Segundo a pesquisa "Navigating AI Anxiety: ANZ Organizations in 2025", 59% dos profissionais de TIC relatam estresse frequente ao tentar acompanhar os avanços da IA. O cenário é de sobrecarga, incerteza e esgotamento.

Essa corrida por atualização criou uma realidade instável e desgastante: o que é essencial hoje, pode ser descartado amanhã. Nesse cenário, o lifelong learning - que deveria ser uma jornada enriquecedora - tem se tornado um ciclo superficial. Falta tempo, estrutura e apoio para que os profissionais realmente compreendam e apliquem as novas ferramentas. Aprende-se o necessário para "não ficar para trás", e não para inovar com profundidade.

Como reflexo dessa pressão, ainda segundo a pesquisa, mais de um terço dos profissionais se mostra hesitante em adotar novas tecnologias por

(*) Country Manager da TI; plataforma de inteligência para reuniões impulsionada por IA.

News @TI

Geração de energia limpa

À Omnigen Energy, subsidiária da Appian Capital Advisory para o mercado global de energia, dâ novo e importante passo na estratégia de negócios no Brasil com a entrega dos parques solares de Igarapé 02 e 04, em Minas Gerais. Os novos projetos fotovoltaicos recém implantados pelo fundo britânico na cidade mineira de mesmo nome, acabaram de receber a autorização para conexão de 100% de sua capacidade total à rede elétrica. Com a entrega dos novos projetos fotovoltaicos que, juntos, têm capacidade de geração projetada de 12,48GWh de energia por ano, a OmnigenEnergy/Appian contribui para o avanço de uma matriz energética limpa no estado e reforça a presença no mercado de Geração Distribuída.

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410

Um campeão dos céus

Quando se fala em sucesso na aviação comercial, um dos indicadores mais claros é o número de unidades produzidas. Nesse quesito, dois gigantes vêm imediatamente à mente: Boeing e Airbus. Mais especificamente, seus modelos Boeing 737 e Airbus A320 – verdadeiros "cavalos de batalha" da aviação moderna.

Vivaldo José Breternitz (*)

Até o final de 2024, quase 12 mil unidades do 737 haviam sido construídas, enquanto a Airbus entregou 11.524 A320 até junho do mesmo ano. Mas nenhum deles detém o título de avião comercial mais produzido da história.

Esse posto pertence ao lendário Douglas DC-3, que voou pela primeira vez em 1935 e voa até hoje. Ao todo, mais de 13 mil unidades foram fabricadas, garantindo ao modelo um lugar especial na história da aviação: o avião mais produzido em todos os tempos é o Cessna 172 Skyhawk, com mais de 45 mil unidades fabricadas desde 1956.

ODC-3 podia cruzar os Estados Unidos de Nova York a Los Angeles com apenas três paradas para reabastecimento; seus antecessores exigiam cerca de 15. Foi o avião que impulsionou a aviação comercial: em 1940, mais de dois milhões de americanos já viajavam de avião. E, surpreendentemente, prestes a completar 90 anos, o "vovô dos céus" ainda está em operação — inclusive no transporte comercial.

Na época de seu lançamento, seu principal rival era o Boeing 247, introduzido dois anos antes. Mas o sucesso do DC-3 foi tão grande que, em meados dos anos 1940, 275 dos 300 aviões de linha aérea em operação nos EUA eram DC-3. Derivado do DC-2, o modelo pode transportar até



28 passageiros, sendo dotado de dois motores Wright SGR 1820-71 de 1.200 hp cada, capazes de mantê-lo a 300 km/h e a 10 mil pés (cerca de 3.000 metros) por até 3.380 km sem reabastecer.

Para os padrões da época, o avião era muito confortável. Orville Wright, um dos pioneiros da aviação, disse que a cabine era tão silenciosa que os passageiros podiam conversar sem gritar. Pilotos elogiavam sua facilidade de pilotagem e pouso e sua capacidade de voar com um único motor.

Mas ninguém imaginava que ele voaria

por tanto tempo. Em 2020, estimava-se que 172 DC-3 ainda estivessem ativos.

Sua longevidade se explica pelo projeto robusto, a ausência de pressurização - que reduz o estresse estrutural e pela simplicidade mecânica, inclusive sem controles hidráulicos.

Noventa anos depois de seu voo inaugural, o DC-3 segue provando que, às vezes, engenharia sólida e simplicidade são a receita para o sucesso nos céus.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnjitz@gmail.com.

Risco digital: 314 bilhões de atividades maliciosas são detectadas no Brasil, no 1º semestre de 2025

A Fortinet (NASDAQ: FTNT), líder global em segurança cibernética, identificou 314,8 bilhões de atividades maliciosas direcionadas ao Brasil, no primeiro semestre de 2025. O dado integra o relatório Cenário Global de Ameaças, elaborado pelo FortiGuard Labs, laboratório de inteligência de ameaças da companhia. O levantamento analisou o comportamento cibernético na América Latina e Canadá no período, detectando mais de 374 bilhões de tentativas de ataque — das quais 84% foram direcionadas ao Brasil. Em menor medida, México (10,8%), Colômbia (1,89%) e Chile (0,1%) completam a relação dos países mais atingidos na região.

A apresentação do relatório ocorreu durante o Fortinet Cybersecurity Summit Brasil 2025 (FCS 2025), um dos maiores eventos de cibersegurança da América Latina. Na ocasião, foi revelado que o Brasil também concentrou 41,9 milhões de atividades de distribuição de malwares - software projetado para causar danos ou obter acesso não autorizado a sistemas informáticos - e 52 milhões de ações relacionadas a botnets, que podem permitir o controle remoto de dispositivos infectados.

"Ao apresentar no FCS 2025 os principais dados de ameaças cibernéticas da América Latina e Canadá, reforçamos nosso compromisso com a transparência, a colaboração e a preparação do mercado frente aos riscos digitais. Transformar dados em conhecimento estratégico é o primeiro passo para criar uma cultura de segurança mais madura e eficaz no Brasil", comenta Frederico Tostes, Country Manager Fortinet Brasil.

O estudo considera o modelo da cadeia de destruição cibernética, que analisa cada etapa de um ataque — do reconhecimento à execução final. No Brasil, os principais vetores detectados incluem 1 bilhão de



ataques por força bruta e 2,4 bilhões de tentativas de exploração de vulnerabilidades. Na fase de reconhecimento, foram detectadas 2 bilhões de verificações ativas. Na de entrega, 4 milhões de tentativas de drive-by download (download não intencional de software) e 662 mil arquivos maliciosos do tipo office.

Na etapa de instalação, destacam-se 12 milhões de trojans, malware que se disfarça de software legítimo para enganar o usuário, e 67 mil tentativas de mineração não autorizada de criptomoedas (Crypto-Miner). Na fase final, de ação e objetivos, o país registrou 309 bilhões de tentativas de negação de serviço (DDoS) e 28,1 mil incidentes de ransomware - malware que criptografa os dados da vítima e exige um resgate para restaurar o acesso.

Segundo Alexandre Bonatti, VP de Engenharia da Fortinet Brasil, outro ponto de destaque do relatório é o foco das ameaças na fase de impacto. "No Brasil, 98,11% das atividades maliciosas identificadas estão diretamente ligadas a ações de impacto final. Apenas 1,01%

correspondem à etapa de acesso inicial. Isso indica um cenário de ataques cada vez mais direcionados, rápidos e voltados à interrupção ou extorsão. Neste cenário, a atenção não deve estar apenas em evitar o ataque, mas como responder e conter rapidamente seus efeitos", analisa o executivo.

Frederico Tostes comenta que a crescente complexidade e o volume dos ataques reforçam a urgência de estratégias de cibersegurança integradas, proativas e contínuas. "Ao divulgar este relatório durante o FCS 2025, reiteramos o compromisso da Fortinet em apoiar empresas e instituições na proteção de seus ativos digitais, com base em inteligência global e tecnologia de ponta".

A Fortinet estrutura sua atuação em inteligência de ameaças a partir de um ciclo contínuo composto por seis etapas: direcionamento, coleta, processamento, análise, disseminação e feedback. Essa abordagem garante respostas rápidas e sustentadas diante de ameaças emergentes, com atualizações em tempo real para seus sistemas e clientes.